

NÓTULA ACERCA DE
“O QUE EM MIM ’STÁ PENSANDO”

Robert Herron (*)

Talvez o verso mais citado e discutido pelos críticos da poesia de Fernando Pessoa, excluindo “o poeta é um fingidor”, seja “o que em mim’stá; pensando”. Levando em conta o caráter intelectualizado dos seus poemas, os verbos “pensar” e “sentir” são de grande importância na interpretação da sua obra, já que aparecem intimamente ligados e usados com grande frequência. Procurarei nesta nota, explicar o sentido que eles revestem para o poeta e que assumiram para mim depois de uma leitura das poesias contidas no volume *Poesias de Fernando Pessoa* (Edições Ática, Lisboa, 1958), que apenas incluí as poesias publicadas sob o nome de Fernando Pessoa “êle mesmo”. Procurarei, também, descrever seu “mundo” de pensamento e sentimento. Direi desde já que não pretendo esgotar tôdas as possibilidades do tema, e que minha interpretação pode ser muito pessoal, mas esforçar-me-ei por comprovar as minhas afirmações.

É imprescindível saber, antes de começar, que Fernando Pessoa não teve, praticamente, biografia exterior. Teve, sim, uma vida interior formidável: pensou, meditou, cismou; contudo, salvo um só caso de amor e a vida social à qual foi obrigada pelas circunstâncias, participou do mundo exterior o menos possível. É importante, também, o fato de êle não acreditar em Deus, e negar tôdas as verdades aceitas, e começar a sua criação poética já tendo assumido êsse ponto de vista nihilista.

Um bom ponto de partida para êste estudo seria precisamente o poema em que diz: “O que em sente ’stá pensando”, e que começa com o seguinte verso: “Ela canta, pobre ceifeira,/ julgando-s feliz talvez”. O poeta tem inveja da mulher que pode cantar tão alegremente e que não sofre, como êle:

(*) da Miami University, Oxford, Ohio, USA.

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! (p. 111)

Em certo sentido, porém, Pessoa rejeita o tipo de existência da ceifeira, chamando atenção para a sua inconsciência, e usando as palavras “pobre” e “talvez” com a ironia típica do seu cepticismo. Pessoa tem inveja, sim, mas não gostaria realmente de ser a ceifeira. Gostaria de ter a sua alegria (apesar de ela ser uma ilusão), mas não a sua inconsciência. Ainda melhor, o que o poeta quer é uma impossibilidade, uma contradição: a sua inconsciência conscientemente. Assim êle se coloca num nível de desprêzo olímpico, querendo gozar as vantagens da sua própria condição (o pensar) e da condição da ceifeira (a alegria) e poder ao mesmo tempo eliminar as desvantagens das duas (o sofrimento que acompanha o pensar, a insensibilidade).

A causa aparente do sofrimento do poeta nesta poesia, portanto, é o pensar. Pelo menos, o pensamento para Pessoa está sempre acompanhado ou seguido pela mágoa. Êle “sente” (ouve) a voz, a canção, mas o “pensá-la” (cismar nela) só lhe lembra a incerteza do “tudo que é nada”, só faz com que êle duvide da felicidade da mulher que canta:

Ah, canta, canta sem razão!
O que em mim sente 'sta pensando.
Derrama no meu coração
A tua incerta voz ondeando! (p. 111)

Neste poema, sentir é igual a perceber pelos cinco sentidos (aqui centrados no ouvir), e pensar é igual a meditar. Mas “sentir” adquire um sentido muito mais amplo, inclui também “pensar” em outras composições, por exemplo, na que também mostra inveja do que não sofre (porque não pensa), neste caso do gato:

...Bom servo das leis fatais,
que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
e sentes só o que sentes.
Ês feliz porque és assim,... (p. 133)

Em outros lugares, Pessoa fala do “sentir” e do “sentimento” no seu sentido vivencial, existencial, em relação ao mundo real, exterior (aqui, “sentimento” quer dizer “emoção que dura”, como, por exemplo, o amor a caridade); e do “pensar” e do “pensamento” com um sentido especial e todo seu

de “sentir” na poesia, de criar poesia “sentido” em relação ao mundo irreal, interior. Adverte-nos que se pensamos no mundo exterior, o “sentir” da sua poesia é uma mentira, uma fraude, porque na vida real não “sentiu” deveras:

Tenho tanto sentimento
Que é freqüente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal. (p. 181)

Não há, então, relação entre a vida exterior do poeta e o seu mundo poético. Este é pura invenção e imaginação. Não era capaz de experimentar os sentimentos na vida real, mas os “criou”, os “pensou” para escrever poesia:

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração. (p. 238)

“Sentir”, portanto, no sentido poético, quer dizer “pensar” (com uma emoção por base) e “pensar” quer dizer “criar”.

Poder-se-ia acreditar, considerando os dois poemas acima citados (que expressam inveja de pessoas ou animais, por causa de êles serem felizes), que, como resultado do pensar, Pessoa se sentia profundamente.

Às vêzes, Pessoa expressa o desejo de poder “sentir” sem ter de “pensar”. Êle sente, por exemplo, que existe a beleza da natureza mas, por causa do pensamento, não pode apreciá-la como gostaria de poder fazer:

Ah, a ironia
De só sentir a terra e o céu
Tão belos ser
Quem de si sente que perdeu
A alma p’ra os ter! (p. 92)

Mas, ao contrário, diz o poeta que no final é só o mundo de pensamento que vale, que “sentir”, experimentar, ou viver um pensamento, destrói-o. Neste sentido, o pensamento é igual ao sonho. A mulher da sua imaginação, por exemplo, é a que dá prazer: “Quero-te para o sonho, não para te amar”. (p. 99) O pensamento constrói o ideal, a perfeição (ou pelo menos procura-os); a vida real só serve para sugerir a forma do que o poeta quer que seja perfeito: “Pois mais nada à vida peço/ Do que ser o seu vizinho”. (p. 132).

Portanto, o processo de pensar transporta o poeta a uma região fora deste mundo de sentimento e de sensações. Transporta-o tão longe que ele não pode acreditar que existe no mundo real enquanto está mergulhado no seu mundo irreal, abstrato. Naquelas ocasiões, sente-se possuído por “outro”:

De quem é o olhar
Que espreita por meus olhos?
Quando penso que vejo,
Quem continua vendo
Enquanto estou pensando? (p. 66)

O seu mundo abstrato de pensamento é um mundo no qual perdem sentido o tempo e o espaço:

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento
.....
Esquece-me de súbito
Como é o espaço, e o tempo
Em vez de horizontal
É vertical. (pp. 63-64)

Meu império é das horas desiguais, (p. 44).

Também é um mundo onde o poeta se sente falhado, fragmentado, como se estivesse à procura de algo (o ideal absoluto?) que não pode encontrar nunca, ou que só pode encontrar em parte, parcialmente:

Tudo que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.
.....
E eu sou um mar de sargaço —
Um mar onde bóiam lentos
Fragmentos de um mar de além... (p. 179)

Apesar disso, é um mundo onde Pessoa pode refugiar-se da dolorosa existência deste mundo real e onde pode esquecer, até certo ponto e algumas vezes, pelo menos, a angústia da passagem das horas:

Vou vendo e vou meditando,
Não bem no rio que passa
Mas só no que estou pensando,
Porque o bem dêle é que faça
Eu não ver que vai passando. (p. 187)

No que temos dito até agora, o processo da criação poética de Fernando Pessoa parece ser o seguinte: sentir + pensar, isto é, o sentir, ou o perceber pelos cinco sentidos, vai antes do pensar. Anotamos também, porém, que às vezes êle separa os dois processos (intelectualmente, pelo menos), expressando o desejo de poder sentir sem pensar, e afirmando que o pensamento “sentido” ou experimentado perde a sua validade, compromete o pensamento. Há mais um caso que deveríamos comentar: quando Pessoa inverte os termos, isso é, põe o pensar antes do sentir, e em vez de dizer “O que em mim sente 'sta pensando”, diz o equivalente a “O que em mim 'sta sentindo”: “Só meu pensamento sente”. (p. 119). Esta aparente contradição pode ser explicada, acho, voltando à idéia de que Pessoa “finge” sentir (ter “sentimento”, emoção que dura) enquanto não sente realmente. Outro fator de explicação seria que a poesia de Pessoa é na essência só “pensamento”, só conteúdo intelectual, e nada de sentimento. Nesse sentido, é um poeta frio, sem calor humano real. Por isso é que, quando êle fala no sentimento, quer dizer pensamento. O sentido das duas palavras confunde-se num sentido só. Para Pessoa, o sentimento é pensamento, e o pensamento é sentimento. Ainda melhor, o sentimento “cabe” dentro do pensamento. Mas o sentimento é que é fingido, e o pensamento é que é real. Não se pode falar numa ordem temporal, cronológica de duas coisas quando na realidade constituem um elemento só. E, além disso êsse pensamento de Pessoa é uma região onde se perde a noção do tempo e do espaço.

Diria, concluindo, que, apesar do sentimento em Pessoa ser fingido, sua poesia não tem por isso menos valor. Talvez por isso mesmo tenha mais ainda. No final das contas, a poesia é um produto da imaginação, e, em Pessoa, imaginação pura. Se finge, pelo menos confessa seu fingimento. Contudo, parece faltar na sua poesia certa vibração e riqueza emocional “real” que talvez se exigisse dum poeta. Prefiro o poeta cujas “emoções artisticamente transformadas” não são invenção pura e têm uma base vivencial, embora seja inegável que todo poeta é um fingidor até certo ponto.